

# RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 3 - Número 5 - Julho a Dezembro de 2006

[início](#)

## GÊNEROS DISCURSIVOS E TEXTUAIS: UMA PEQUENA SÍNTESE TEÓRICA <sup>1</sup>

Sérgio Roberto Costa  
UNINCOR

**ABSTRACT** – This text presents a study on verbal sorts and writings and considers it to argue the practical ones of orality, writing and reading as enunciative-discursive activities present in institutions and some social spheres, this to, in some discursive domination, mediated for enunciated that they circulate in diverse supports: books, magazines, periodicals, panels (outdoors), posters, TV screens and computer, pamphlets, packings and others.

Este pequeno artigo é fruto de vários anos de nossa experiência em pesquisas lingüísticas e ensino de Lingüística aplicada à Língua Materna (LM), em disciplinas que abordam teorias e práticas sociais de produção e recepção de textos, em nossos cursos de Letras e de Pós- Graduação, stricto e lato sensu, na UFJF e Unincor de Três Corações-MG. Ao tratar desses temas, percebemos quanto os professores, nossos alunos, que atuam, principalmente, no ensino básico e médio, precisariam de uma síntese teórica que contivesse uma pequena discussão sobre Gêneros Discursivos e Textuais e, ao mesmo tempo, lhes deixasse mais claro o que são certas práticas sociais de oralidade, escrita e leitura, que podem ser “transpostas” como objetos didáticos para as salas de aula de LM.

Não desejamos que este artigo seja útil somente aos professores de ensino básico e médio, mas também aos docentes que trabalham em cursos de formação de futuros professores (Cursos de Graduação em Letras, Normal Superior, Pedagogia... e Pós-graduação) e a profissionais de áreas afins. Com esse propósito, é que construímos este texto que traz uma discussão teórica sobre “gêneros” e põe em destaque um princípio básico da teoria: a compreensão das práticas de oralidade, escrita e leitura como atividades enunciativo-discursivas presentes em várias instituições e em várias esferas sociais, isto é, em vários domínios discursivos, mediadas por enunciados – os gêneros discursivos e textuais orais e escritos – (estes últimos circulam em suportes/portadores diversos: livros, revistas, jornais, painéis (outdoors), cartazes, telas de TV e de computador, panfletos, embalagens etc.).

A compreensão e o domínio teóricos desses conceitos são fundamentais. Assim, embora os conceitos de gêneros sejam bastante diversificados e os gêneros sejam de grande e imensa heterogeneidade, vamos tentar defini-los e

caracterizá-los aqui de uma maneira simples e objetiva, sem banalizá-los. Iremos tratar dos gêneros tanto sob o enfoque discursivo de Bakhtin (1953/1994) quanto textual de Bronckart (1999: 69-77).

Começemos com o conceito de *Gêneros Discursivos* de Bakhtin. Inicialmente, observemos nosso dia a dia. Há atividades ou práticas discursivas, principalmente orais, como a conversação, que usamos na relação imediata com nossos interlocutores. Dialogamos diariamente com pessoas a nosso redor, respondendo a perguntas, opinando, contando casos, piadas, dando ordens etc. São atos conversacionais diversos à nossa disposição, desde há muito tempo. Ou seja, o ato de conversar – a conversação – é um dos gêneros primários da oralidade humana. Gênero primário porque apareceu primeiro, é primitivo, original; não porque é elementar, superficial ou limitado e, por ser oral, poderia ser interpretado como mal construído ou inferior a outro escrito, principalmente porque vivemos numa sociedade grafocêntrica. Bakhtin o chama de *enunciado de gênero primário*. Nesse enfoque enunciativo-discursivo, um enunciado de gênero primário vai ser compreendido por sua relação com o contexto imediato, onde acontece a ação comunicativa. Nessa situação privada, imediata e injuntiva de interlocução face a face de produção, há um autocontrole dos textos que os falantes produzem e esses tipos de enunciados são considerados primários (mais “simples”?, não necessariamente!) por isso.

Agora observemos os diálogos – escritos ou orais – em outros tipos de gêneros, como as conversas de personagens em um romance, em um conto, em uma novela, em uma peça de teatro, ou uma entrevista publicada em um jornal ou em uma revista ou realizada ao vivo no rádio ou na televisão. Nestes casos, os atos de conversar foram “tomados emprestados” da esfera do cotidiano por uma esfera mais complexa, pública, onde a interlocução não é mais imediata e, portanto, as condições de produção do discurso se tornam secundárias, mais complexas. A conversação (gênero primário) do cotidiano se transforma em um diálogo (gênero secundário) de personagens de um discurso literário em um romance, conto ou novela ou em um diálogo assimétrico de uma entrevista radiofônica ou televisiva.

Temos, então, o que Bakhtin chama de *enunciado de gênero secundário* que constitui uma ação em si mesmo e vai ser compreendido pelas (co)referências entre os enunciados dentro do próprio texto que deve ter sua própria rede de indicações coesas e coerentes. Um gênero primário – a conversação – se transforma em um secundário – o diálogo entre personagens ou a entrevista. Nesse processo de transformação, o secundário traz características do primário, acrescenta novas características da nova esfera discursiva em que circula e se realiza como um novo gênero. Há semelhanças, sim, entre eles, mas são gêneros diferentes. Não podemos estabelecer claramente as fronteiras entre eles, contudo, por suas características individuais, constituem-se um objeto sempre único, resultado de transformações histórico-sociais.

Outros exemplos de gêneros emergentes, bem atuais, podem ser encontrados na Internet. Muitos pesquisadores de textos produzidos na Internet apontam, por exemplo, o nascimento de alguns novos gêneros que, embora tenham semelhança com gêneros já existentes, não são os mesmos, devido a novas finalidades discursivas que remetem a novas práticas sociais. Assim, mesmo usado na comunicação interindividual, o *bate-papo virtual* ( *chat* ) é diferente de uma *conversa face a face* ( ou *telefônica* , que também é transformação de uma conversação). Ou seja, as *conversas diretas* , em grupos ou privadas, na Internet, são diferentes dos seus gêneros correspondentes já consagrados, historicamente, no cotidiano. Ou ainda podemos acrescentar: *blog* não é *diário pessoal* ou *agenda*; *endereço eletrônico* possui

características/categorias diferentes de *endereço postal*, etc. (v. COSTA, 2006). Isso porque os gêneros ditam o que dizer e como dizer por suas coerções,<sup>2</sup> já que são formas relativamente estáveis de enunciado, tanto em relação ao conteúdo temático-figurativo quanto à estrutura textual e ao estilo. Além disso, circulam em novos espaços e em novos suportes.

Essa classificação de Bakhtin, que expusemos acima, teve o grande mérito de reavaliar o conceito de gênero, que ele chamou de *gêneros do discurso*, mudando o enfoque de análise do campo da Lingüística para o da Pragmática, estendendo essa noção para o conjunto das práticas discursivas. O falante disporia, então, além das *formas da língua* (= recursos lingüísticos: lexicais, fraseológicos, gramaticais...), das *formas dos enunciados* (= construção/estruturação composicional de gênero: *narração, relato, argumentação, explicação* ...) na comunicação discursiva do *conteúdo* cujos sentidos determinam as escolhas que o sujeito concretiza a partir do conhecimento empírico que tem dos *gêneros* à sua disposição (por exemplo, conversa, carta, palestra, entrevista, resumo, notícia...).

Em outras palavras, todo gênero, segundo Bakhtin, é definido por três dimensões essenciais:

- a) os *conteúdos*, que são e se tornam dizíveis pelo gênero (conversa, carta, palestra, entrevista, resumo, notícia...) e não por frases ou orações;
- b) a *estrutura/forma* específica dos textos (narrativo, argumentativo, descritivo, explicativo ou conversacional) pertencentes a ele e
- c) as *configurações específicas das unidades de linguagem (estilo)*: os traços da posição enunciativa do locutor e os conjuntos de seqüências textuais e de tipos discursivos que constituem a estrutura genérica (por exemplo, construir um texto instrucional – ensinar a jogar xadrez – é diferente de construir um texto argumentativo – defender o jogo de xadrez como atividade importante para o desenvolvimento mental).

Tudo isto, pois, refere-se ao domínio:

- da *diversidade discursiva* (narração, explicação, argumentação, descrição, diálogo...);
- do *gênero textual* (conversa, conto de fadas, relato de experiência, lenda, relato histórico, carta etc.) e
- das *dimensões textuais* (uso dos tempos verbais; uso dos organizadores textuais; progressão anafórica; esquema dos actantes - papel dos personagens -; interlocução; organização narrativa, argumentativa, expositiva...; pontuação etc.).

Nesse sentido, na produção de um gênero, vai haver sempre uma interação determinada, regulada pela organização enunciativa da situação de produção, que é definida por alguns parâmetros sociais:

- *o lugar social da interação* (sociedade, instituição, esfera cultural, tempo histórico);
- *os lugares sociais dos interlocutores ou enunciadore*s (relações hierárquicas, relações interpessoais, relações de poder e dominação etc.) e
- *finalidades da interação* (intenção comunicativa do enunciador).

Além disso, a forma composicional e as marcas lingüísticas (gramática) dependem do gênero a que pertence o texto e esse gênero operante dependerá da situação da enunciação em curso na operação.

Nessa mesma linha, segundo Dolz, Pasquier e Bronckart (1993), o aprendiz, na produção de um gênero em determinada interação, deve adaptar-se às características do contexto e do referente ( *capacidades de ação* ) e dominar as operações psicolingüísticas e as unidades lingüísticas necessárias ( *capacidades discursiva e lingüística* ). Assim, por exemplo, em um gênero como “artigo de opinião”, em que vai usar a argumentação (a favor ou contra), tendo como conteúdo a “discriminação das drogas”, o aprendiz deve identificar e levar em conta o destinatário real ou virtual do texto, o veículo em que seria publicado (representação do contexto social: *capacidade de ação* ) e aprender a hierarquizar a seqüência de argumentos ou produzir uma conclusão coerente com os argumentos construídos (estruturação discursiva do texto: *capacidade discursiva* ), além de reconhecer e utilizar expressões de construção enunciativa de uma opinião a favor ou contra, ou, ainda, distinguir os organizadores que marcam argumentos dos que marcam conclusão (escolha de unidades lingüísticas: *capacidade lingüístico-discursiva* ).

No primeiro enfoque, exposto acima, os estudos sobre gêneros centram-se no discurso e consideram-nos tipos mais ou menos estáveis de enunciados, marcados pelas especificidades de cada esfera comunicativa. No segundo enfoque, que vamos expor agora, os estudos sobre gênero centram-se no texto, e tentam estudar a variedade textual, propondo diversas tipologias <sup>3</sup> envolvendo tanto o conceito de *gênero* (realização empírica de texto – carta, conversa, palestra, relatório, resumo...) quanto o de *tipo* (determinação de formas básicas e globais para a constituição de texto, que pode ser narrativo, argumentativo, descritivo, explicativo, conversacional...). Isto porque, segundo Bezerra (2001: 36-7), o conceito clássico de *descritivo, narrativo e dissertativo* não atende à variedade atual ou passada de textos a qual construiu de acordo com as necessidades comunicativas dos grupos sociais e suas culturas.

Neste segundo enfoque, centramo-nos na teoria dos gêneros textuais de Bronckart (1999: 69-77) que pressupõe – e confirma a de Bakhtin (1953/1973) – que a dimensão textual se subordina à dimensão discursiva produzida/construída na *interação verbal*, realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1953/1994) e, neste caso, os gêneros textuais – quaisquer que sejam as produções de *linguagem situada*, oral ou escrita – são produtos histórico-sociais e, portanto, existem diferentes tipos de gêneros textuais de acordo com os interesses e as condições de funcionamento das formações sociais.

Em ambos os enfoques, portanto:

- a) os gêneros textuais, orais e escritos, são produtos histórico-sociais de grande heterogeneidade, em função dos interesses e das condições de funcionamento das formações sociais;
- b) a emergência de novos tipos pode estar ligada:
  - (i) à aparição de novas motivações sociais (por exemplo, a elaboração do romance no fim da Idade Média ou o surgimento dos artigos científicos no século XIX);
  - (ii) a novas circunstâncias de comunicação (por exemplo, os textos de propaganda) ou
  - (iii) a novos suportes de comunicação (por exemplo, textos que são veiculados em jornais, TV, rádio, tela de computador...);

- c) os gêneros textuais estão em movimento perpétuo: alguns desaparecem, outros voltam sob formas parcialmente diferentes, ou ainda, surgem novos gêneros (v. exemplos acima);
- d) não se podem estabelecer claramente as fronteiras entre eles. Entretanto – resultado histórico-social de transformações de tipos precedentes – os gêneros textuais possuem características individuais, constituindo-se um objeto sempre único (v. exemplos acima e mais: o *correio eletrônico* ( *email* ), por exemplo, é diferente da *carta* (correspondência epistolar), do *telegrama* e mesmo do *bilhete* ; o *banner* não é *anúncio* ; *hoax* não é *boato* , embora, respectivamente, possuam semelhanças).

Dessas duas conceituações teóricas básicas ( *Gêneros Discursivos* e *Gêneros Textuais* ), podemos inferir uma tipologia discursiva e textual para os gêneros. Não fugindo da perspectiva tipológico-conceitual enunciativo-discursiva<sup>4</sup> que estamos desenvolvendo, podemos dizer com Adam (1992:15) que existem formações discursivas (domínios discursivos) religiosa, jornalística, política, literária ou cotidiana nas quais se produzem, entre outros *gêneros do discurso* ,

- o **religioso** , como a prece, o sermão, a parábola etc.;
- o **jornalístico** , como a notícia, a reportagem, o editorial etc.;
- o **literário** , como a tragédia, o romance, o conto etc.;
- o **do cotidiano** , como a conversação e seus tipos etc.

Podemos, pois, organizar os tipos de gêneros num quadro (Quadro 1), para se ter uma melhor visão de conjunto. Claro que esta tipologia não esgota a diversidade e a heterogeneidade dos gêneros existentes, mas se trata apenas de um quadro exemplificativo, com alguns Discursos e alguns de seus Gêneros. <sup>5</sup>

**Quadro 1**

DISCURSOS (FORMAÇÕES DISCURSIVAS/ DOMÍNIO DISCURSIVO)	GÊNEROS DO DISCURSO/GÊNEROS TEXTUAIS
RELIGIOSO	Prece/oração
	Ladainha
	Reza
	Sermão
	Hagiografia
	Parábola
	Homilia etc
JORNALÍSTICO	Notícia
	Reportagem
	Editorial
	Crônica
	Tirinha
	Breves/curtas
	Artigo jornalístico
	Carta de leitor
	Entrevista
	Debate

	Manchete etc.
ACADÊMICO	Dissertação
	Tese
	Ensaio
	Resumo
	Resenha
	Artigo científico
	Paper
	Sumário
	Hand-out
	Abstrato
	Palestra
	Conferência etc.
	LITERÁRIO
Romance	
Novela	
Poema	
Tragédia	
Comédia	
Folhetim	
Dedicatória	
Crônica	
Diário	
Fábula	
Epopéia	
Lenda	
Biografia	
Autobiografia etc.	
ELETRÔNICO/DIGITAL	Chat/bate/papo virtual
	Aulachat
	Email/ endereço eletrônico
	Blog
	Fotoblog
	Banner
	Barra etc.
PUBLICITÁRIO	Anúncio
	Cartaz
	Filmete
	Jingle
	Outdoor/Busdoor/ Bikedoor/Taxidoor
	Panfleto
	Spot
COTIDIANO	Conversação e seus tipos
	Bilhete
	Diário
	Anedota

	Piada
	Anotação
	Recado
	Convite etc.
ESCOLAR <sup>6</sup>	Aula
	Prova (escrita/oral)
	Ditado
	Protocolo
	Resumo etc.

Uma outra tipologia, proposta por Dolz e Schneuwly (SCHNEUWLY, DOLZ e colaboradores, 2004: 60-61), agrupa os gêneros levando em conta as capacidades de linguagem dominantes dos indivíduos (v. Quadro 2 abaixo, adaptado). A de *RELATAR*, que se liga ao domínio social da comunicação voltado à *documentação e memorização de ações humanas, exigindo uma representação pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo* (relatos de experiência vivida, notícias, diários, etc.. A de *NARRAR*, que se refere à cultura literária ficcional e caracteriza-se pela *mimesis da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil* (contos de fada, contos maravilhosos, ficção científica, romance, etc.. A de *ARGUMENTAR*, que se refere à *discussão de problemas sociais controversos*, e exige a *sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição* (diálogo argumentativo, debate regrado, editorial, carta de reclamação, etc.). A de *EXPOR*, que se liga à *transmissão e construção de saberes, com apresentação textual de diferentes formas dos saberes* (texto expositivo, conferência, seminário, artigos, resenhas..) E a de *DESCREVER AÇÕES* ou *INSTRUIR / PRESCREVER AÇÕES*, que se refere às *instruções e prescrições* e exige a *regulação mútua de comportamentos* (instruções diversas: de uso, de montagem, receitas, regulamentos, regras de jogo etc.). A essas capacidades poderíamos acrescentar outras como *AVALIAR, POETAR* etc

## Quadro 2

CAPACIDADES DE LINGUAGEM	GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS
ARGUMENTAR	Carta de reclamação
	Carta de solicitação
	Debate regrado
	Discurso de acusação (advocacia)
	Discurso de defesa (advocacia)
	Editorial
	Dissertação
	Tese
	Textos de opinião
	Resenha
	Texto expositivo etc
EXPOR	Artigo enciclopédico
	Comunicação oral
	Conferência
	Exposição oral
	Palestra

	Resumo de texto expositivo ou explicativo
	Relatório científico etc
RELATAR	Anedota
	Caso
	Curriculum Vitae
	Diário íntimo
	Notícia
	Relato de experiência
	Relato policial
	Relato histórico
NARRAR	Ficção científica
	Novela
	Romance
	Epopéia
	Biografia
	Autobiografia
	Lenda
	Fábula
	Contos de fada
Contos maravilhosos	
DESCREVER/PRESCREVER AÇÕES ou INSTRUIR	Regras de jogo
	Receita
	Regulamento
	Regimento
	Manual de instrução
	Mandamento

Tentando fazer uma síntese do que desenvolvemos acima, podemos dizer que temos os seguintes construtos:

- 1) discurso: linguagem em uso, manifestada/realizada empiricamente nos textos enunciados, assumidos por uma enunciação;<sup>7</sup>
- 2) gêneros discursivos que se agrupam com características comuns e supõem regras comunicacionais, que não se restringem ao que é dito, mas que remetem a um modo próprio de dizer, como a correspondência ou as receitas etc. Uma carta de amor supõe regras de comunicação diferentes de uma receita de bolo de fubá.
- 3) gêneros textuais que se agrupam com um feixe de características comuns: a carta, o ofício etc na correspondência, ou as receitas de bolo ou carne assada etc nas receitas;
- 4) subgêneros de texto que possuem algumas características comuns às do gênero a que pertencem, mais algumas específicas: como a carta comercial de cobrança na correspondência comercial ou a receita de bolo de fubá nas receitas, o *outdoor* ou o *busdoor*, em anúncios publicitários etc;
- 5) os textos são unidades de sentido, dadas por recorrência daquilo que é dito e de um modo próprio de dizer, com unidades lingüísticas empíricas e concretas, produtos legíveis ou audíveis, com objetivo comunicativo, como uma carta comercial de



cobrança ou uma receita de bolo de fubá específicas;

6) tipos de discurso: narrativo, expositivo, argumentativo, instrucional, conversacional etc que organizam o texto;

7) o domínio discursivo: esfera/instância de atividade humana que produz textos com algumas características comuns, isto é, o *lugar* onde os textos ocorrem/circulam (lugar de produção e recepção), como o jurídico, o empresarial, o futebolístico etc;

8) comunidade discursiva: compartilha gêneros discursivos e textuais, como por exemplo, a comunidade internética, a empresarial, a estudantil etc.

Entendemos, portanto, neste artigo, os gêneros como formas heterogêneas, sócio-discursivo-enunciativas, orais e escritas, dadas pela tradição e pela cultura – ontem e hoje –, e, embora limitado pelo espaço, procuramos compensar essa limitação pela extensão temporal, social e discursiva em que procuramos abranger, sucintamente, definições, características, informações e correlações de princípios teóricos que podem nortear certas concepções de gêneros discursivos e textuais.

## NOTAS

1. Este artigo, com algumas modificações, é a INTRODUÇÃO de meu *Dicionário de Gêneros Textuais* (a sair publicado em 2007) e contempla muitas idéias já expressas em minhas publicações anteriores, citadas no final deste trabalho.

2. Segundo Discini (2005: 38-9), “As coerções genéricas são regras que respondem pela especificidade de cada gênero (corespondência comercial, publicidade etc) e pela estabilidade do sentido dos enunciados. Pertencer ao gênero publicidade faz com que o texto a ser criado tenha o significado dos seus elementos orientado de maneira própria. As coerções genéricas consolidam convenções para o que dizer e como dizer. O discurso se utiliza delas para fazer saber, fazer crer, fazer fazer (no caso do discurso publicitário, fazer comprar).”

3. Sem entrar na polêmica das tipologias de “gêneros”, é-nos importante, neste dicionário, considerar os dois conceitos: seja o de *gêneros discursivos*, seja o de *gêneros textuais*. É isto que estamos expondo nesta introdução, para maior clareza do manuseio desta obra.

4. Bakhtin (1953/1992/1994:280) diz que cada esfera da atividade humana produz textos com algumas características comuns e, por isso, pertencem a um determinado *domínio discursivo*, isto é, o *lugar* onde os textos ocorrem/circulam (são produzidos e consumidos).

5. Maingueneau (2002: 85) diz que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é *encenada*.” E propõe (1999: 82-83), como elementos que compõem a cena da enunciação, a *englobante*, a *genérica* e a *cenografia*. A cena englobante corresponderia a essa divisão proposta por Adam, já que corresponde ao tipo de discurso, ou seja, o estatuto pragmático do discurso: discurso literário, religioso, filosófico, jornalístico....

6. Estamos separando Discurso Acadêmico (de centros de ensino e pesquisa acadêmicos) de Discurso Escolar (ensino básico e médio), embora alguns gêneros textuais sejam comuns a ambos (prova, aula, resumo etc), aliás como é muito comum em outras esferas ( *crônica* , por exemplo, existe nos Discursos Literário, Jornalístico, Policial etc.). Segundo Schneuwly (1998), pode-se dividir o *gênero escolar* em dois grandes tipos: o primeiro (GÊNERO I) se constitui em gêneros que a escola constrói (protocolos, pautas...) para o ensino da linguagem oral, escrita e da leitura, quando da intervenção do professor em alguma atividade pedagógica. Ou seja, os meios usados como mediação entre professor, aluno e conteúdo e que facilitariam a apropriação dos gêneros sociais pelos alunos, em situações didáticas ocorridas em instituição escolar. Entre esses meios, podemos citar as palavras do professor, o que ele faz (escrever no quadro, mostrar objetos...) o que ele pergunta, suas sugestões orais e/ou escritas, as reformulações e esclarecimentos frente a uma tarefa mal compreendida etc.. O segundo (GÊNERO II) se refere a gêneros que são ensinados na escola, transpostos da cultura social para o currículo, com objetivos didáticos, como *objetos de ensino* . Em outras palavras, seriam os gêneros sociais ( *não-escolares* ) - textos “autênticos” que circulam fora da escola - , produzidos em contextos sociais reais: nos meios de comunicação, nos espetáculos, no comércio etc. (v. *textos sociais x textos escolares* dos livros didáticos - PASQUIER & DOLZ, 1996) que entram na escola numa transposição curricular e se transformam em objetos didáticos de ensino/aprendizado.

7. Compõe-se a enunciação de um enunciador, o sujeito “que fala” (eu/nós), e um enunciatário, o sujeito “que escuta” (tu/você/vocês). Em outras palavras, a enunciação compreende o sujeito do dizer, que se biparte entre enunciador, projeção do autor, e enunciatário, projeção do leitor (DISCINI, 2005).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* . São Paulo: Huicitec: 1973.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* . São Paulo: Martins Fontes, 1994. p . 327-358.

COSTA, S. R. Oralidade e escrita e novos gêneros na Internet. In: *CDROM da III Conferência Sócio-Cultural*. Campinas: FE/UNICAMP, 2000.

COSTA, S. R. A apropriação de gêneros discursivos na escola: contribuição ao ensino/aprendizado de língua materna. In: *Symposium: Revista Científica* . Lavras: v.1, n.1, p.60-66, jan/jul/2003 – ISSN 1678-703X.

COSTA, S. R. A construção de títulos em diversos tipos de gêneros: um processo discursivo polifônico e plurissêmico In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs* . 1a. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

COSTA, S. R. (2005a) Oralidade e escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção & COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola* . Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.19-27.

COSTA, S. R. (2005b) Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção & COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.) *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola* . Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 37-43.

COSTA, S. R. (2005c) (Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção & SOUZA, Solange Jobim. (Orgs.). *Televisão, Internet e Educação. Estratégias metodológicas com crianças e adolescentes* . Cad. Cedes, Campinas, vol.25, n. 65, p. 102-116, jan./abr. 2005.

COSTA, S. R. *A construção/apropriação da escrita nas salas de aula da escola fundamental e nas salas de bate-papo na Internet* . PUC/SP : DELTA, 22 :1, 2006 (159-175).

DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos* . São Paulo: Contexto, 2005.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Pour un enseignement de l'oral. Initiation aux genres formels à l'école* . Paris: ESF éditeur, 1998.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Genres et progression en expression orale et écrite. Éléments de réflexions à propos d'une expérience romande* . Enjeux, 1996. p. 31-49.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção & COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola* . Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais. Novas formas de construção de sentido* . Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, scénographie, incorporation. In: *Images de soi dans le discours: La construction de l'éthos*. Direction Amossy, Lausanne, Delachaux e Niestlé, 1999. p. 82-83.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 85.

MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais. Novas formas de construção de sentido* . Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.